

tomando a liteira suntuosa, com o auxílio dos seus escravos decididos e hercúleos.

Públio Lentulus tão logo se viu só, encaminhou-se ao terraço onde corriam céleres as brisas da noite alta.

A' claridade do luar opulento, contemplou o casario romano espalhado pelas colinas sagradas da cidade gloriosa. Espraiou os olhos na paisagem noturna, considerando os problemas profundos da vida e da alma, deixando pender a fronte, entristecido. Incoercível tristeza dominava-lhe o coração voluntarioso e sensível, enquanto uma onda de amor próprio e de orgulho lhe sopitava as lágrimas íntimas, do coração atormentado por angustiosos e doloridos pensamentos.

II

UM ESCRAVO

Desde os primeiros tempos do Império, a mulher romana havia-se entregado á dissipação e ao luxo excessivo, em detrimento das obrigações santificadoras do lar e da família.

A facilidade na aquisição de escravos empregados nos serviços mais grosseiros como nos mais elevados mistéres de ordem doméstica, inclusive os da própria educação e instrução, havia determinado grande quêda moral no equilíbrio das famílias patricias, porquanto, a disseminação dos artigos de luxo vindos do Oriente, aliada á ociosidade, amolecera as fibras de energia e de trabalho das matronas romanas, encaminhando-as para as frivolidades da indumentia, para as intrigas amorosas, a preludiar a mais completa desorganização da família no esquecimento de suas tradições mais apreciáveis.

Contudo, algumas casas haviam resistido heroicamente a essa invasão de forças perversoras e criminosas.

Mulheres havia, no tempo, que se orgulhavam do padrão das antigas virtudes familiares, de quantas as

havam antecedido no labor construtivo das gerações de tantas almas sensíveis e nobres.

As espôsas de Públio e Flaminio eram dêsse número. Criaturas inteligentes e valorosas, ambas fugiam da onda corrutôra da época, representando dois símbolos de bom-senso e simplicidade.

As últimas expressões do inverno já haviam desaparecido, no ano de 32, entornando pela terra, quente e alegre, uma taça imensa de perfumes e de flores.

Num dia claro e ensolarado, vamos encontrar Livia e Calpurnia, na residência da primeira, em amável palestra, enquanto dois rapazinhos desenham, distraidamente, a um canto da sala.

As duas senhoras organizam aprestos de viagem, corrigindo defeitos de algumas peças de lã e trocando impressões íntimas, á meia voz, em tom amigo e discreto.

Em dado momento, os dois meninos alcançam um dos quartos contíguos, enquanto Livia chama a atenção da amiga, nêstes termos:

— Os teus pequenos não têm hoje os exercícios habituais?

— Não, minha boa Livia, — respondeu Calpurnia com delicadeza fraternal, adivinhando-lhe as intenções — não só Plínio, mas também Agripa consagraram o dia de hoje á doentinha. Adivinho as tuas vacilações e escrúpulos maternos, considerando a boa saúde dos nossos filhinhos; mas, os teus receios são infundados...

— Sabem os deuses, todavia, como tenho vivido nêstes últimos tempos, desde que ouvi a opinião franca e sincera do médico de Tibur. Bem sabes que para êle o caso de minha filha é mal doloroso e sem cura. Desde então, toda a minha vida tem sido uma série de preocupações e pesadêlos. Tomei todas as providências para que a pequena fôsse isolada do círculo de nossas relações, atendendo aos imperativos da hygiene e á necessidade de circunscrevermos, com o nosso próprio esforço, a moléstia terrível.

— Mas, quem te diz que o mal é incurável? Acaso semelhante opinião proveiu da palavra infalível dos

deuses? Não sabes quanto é enganosa a consciência dos homens?

Ha tempos, ambos os meus filhinhos adoeceram com febre insidiosa e destruidora. Chamados os médicos, observei que elles se revesavam no mistér de salvar os dois enfermos, sem resultados apreciáveis. Depois, reflecti melhor na providência dos céus e, immediatamente, offereci um sacrificio no templo de Castor e Polux, salvando-os de morte certa. Graças á essa providência, hoje os vejo sorridentes e felizes.

Agora que não tens somente a pequena Flávia, mas tambem o pequenino Marcus, aconselho-te fazeres o mesmo, recorrendo aos deuses gêmeos.

— E' verdade, minha boa Calpurnia, assim farei antes de nossa partida próxima.

— E por falar na viagem, como te sentes em face desta mudança imprevista?

— Bem sabes que tudo farei pela tranquillidade de Públio e pela nossa paz doméstica. Ha muito tempo noto Públio abatido e doente, em razão de suas lutas exaustivas ao serviço do Estado. Jovial e expansivo, de tempos a esta parte tornou-se taciturno e irritadigo. Enerva-se com tudo e por tudo, acreditando eu que a saúde precária de nossa filhinha contribúa decisivamente para a sua misantropia e mau humor.

Considerando essas razões disponho-me, com satisfação, acompanhá-lo á Ásia Menor, pesando-me apenas no intimo a circunstância de ser obrigada, ainda que temporariamente, a afastar-me da tua intimidade e dos teus conselhos.

— Folgo de assim te ouvir, porque a nós nos compete examinar a situação daqueles que o nosso coração elegeu para companheiros de toda a vida, tudo enviando por suavisar-lhes os aborrecimentos do mundo.

Públio é um bom coração, generoso e idealista, mas, como patricio descendente de família das mais illustres da República, é vaidoso em demasia. Homens dessa natureza requerem grande senso psicológico da mulher, sendo justo e necessário que aparentes igualdade abso-

luta de sentimentos, de modo a poderes conduzi-lo sempre pelo melhor caminho.

Flamínio deu-me a conhecer todas as circunstâncias da tua permanência na Judéia, mas alguns detalhes existem que eu ainda desconheço. Ficarás, de fato, em Jerusalém?

— Sim. Públio deseja que nos fixemos na mesma residência do seu tio Sálvio, em Jerusalém, até que possamos eleger o melhor clima do país, de maneira a beneficiar a saúde de nossa filhinha.

— Está bem — exclamou Calpurnia assumindo ares da maior discreção — em face da tua inexperiência, sou obrigada a esclarecer o teu espírito, considerando a possibilidade de quaisquer complicações futuras.

Lívia surpreendeu-se com a observação da amiga, mas, toda ouvidos, revidou impressionada:

— Mas, que queres dizer?

— Sei que não tens um conhecimento mais acurado dos parentes de teu marido, que ha tanto tempo se conservam ausentes de Roma — murmurou Calpurnia com as minudências características do espírito feminino — e constitúe um dever de amizade aclarar o teu espírito, afim-de não te conduzires com demasiada confiança por onde passares.

O pretor Sálvio Lentulus, que ha muitos anos foi destituído do govêrno das províncias e agora tem simples atribuições de funcionário junto do atual Pro-cônsul da Judéia, não é bem um homem idêntico a teu marido, que, se tem certos defeitos de família, é um espírito muito fraco e muito sincero. Eras muito jovem quando se verificaram acontecimentos deploráveis em nosso ambiente social, com referência ás criaturas com quem agora vais conviver. A espôsa de Sálvio, que ainda deve ser uma mulher moça e bem cuidada, é irmã de Cláudia, mulher de Pilatos, a quem teu marido vai recomendado, em caminho da alta administração da provincia.

Em Jerusalém vais encontrar tôda essa gente, de costumes bem diferentes dos nossos, e precisas pensar

que vais conviver com criaturas dissimuladas e perigosas.

Não temos o direito de reprovar os atos de ninguém, a não ser em presença daqueles que consideramos culpados ou passíveis de recriminações, mas devo prevenir-te que o Imperador foi compelido a designar essa gente para serviços no exterior, considerando graves assuntos de família, na intimidade da Côrte.

Que os deuses me perdôem as observações da ausência, mas é que, na tua condição de romana e mulher de um senador ainda jovem, serás homenageada pelos nossos contrerrâneos distantes, homenagens que receberás em sociedade como ramalhetes de rosas cheios de perfume, mas também cheios de espinhos...

Lívia ouviu a amiga, entre espantada e pensativa, exclamando em voz discreta, como quem quisesse desfazer uma dúvida:

— Mas, o pretor Sálvio não é um homem já idoso?

— Estás enganada. E' um pouco mais moço que Flaminio, mas os seus apuros de cavalheiro fazem da sua personalidade um tipo de soberba aparência.

— Como poderei levar a bom termo os meus deveres, no caso de me cercarem as perfídias sociais, tão comuns em nosso tempo, sem agravar o estado espiritual de meu espôso?

— Confiemos na providência dos deuses — murmurou Calpurnia, deixando transparecer a fé magnífica do seu coração maternal.

Mas, as duas não conseguiram prosseguir na conversação. Um ruído mais forte denunciava a aproximação de Públio e Flaminio, que atravessavam o vestibulo, procurando-as.

— Então? — exclamou Flaminio bem humorado, assomando á porta, com um sorriso malicioso. Entre a costura e a palestra, deve sofrer a reputação de alguém, nesta sala, porque já dizia meu pai que uma mulher sózinha pensa sempre na família; mas, se está com outra, pensa logo nos... outros.

Um riso sadio e geral corôou as suas palavras alegres, enquanto Públio exclamava contente:

— Estejamos sossegados, minha Livia, porque tudo está pronto e a nosso inteiro contento. O Imperador prontificou-se a auxiliar-nos generosamente com as suas ordens dirêtas, e, daqui a três dias, uma galera nos esperará nas cercanias de Óstia, de modo a viajarmos tranquilamente.

Livia sorriu satisfeita e confortada, enquanto do apartamento da pequena Flávia assomavam duas cabeças risonhas, preparando-se Flaminio para receber nos braços, de uma só vez, os dois filhinhos:

— Venham cá, illustres marôtos! Porque fugiram ontem das aulas? Hoje recebi queixa do ginásio, nêsse sentido, e estou muito contrariado com êsse procedimento. . .

Plínio e Agripa ouviram a reprimenda paterna, desapontados, respondendo o mais velho com humildade:

— Mas, papai, eu não sou culpado. Como o senhor sabe, o Plínio fugiu dos exercícios, obrigando-me a sair para procurá-lo.

— Isso é uma vergonha para você, Agripa — exclamou Flaminio, paternalmente — sua idade não permite mais a participação nas traquinadas de seu irmão.

Ia a cêna, nessa altura, quando Calpurnia interveiu apaziguando:

— Tudo está muito certo, porém, temos de resolver o assunto em casa, porque a hora não comporta discussões entre pai e filhos.

Ambos os meninos foram beijar a mão materna, como se lhe agradecessem a intervenção carinhosa e, daí a minutos, despediam-se as duas famílias, com a promessa de Flaminio, no sentido de acompanhar os amigos até Óstia, nas proximidades da foz do Tibre, no dia do embarque.

Decorridas aquelas setenta e duas horas de azáfama e preparativos, vamos encontrar nossos personagens numa galera confortável e elegante, nas águas de Óstia, onde ainda não existiam as construções do pôrto ali criado mais tarde por Cláudio.

Plínio e Agripa ajudavam a acomodar a pequena enferma no interior, instigados pelos pais, que os pre-

paravam desde cedo para as delicadezas da vida social, enquanto Calpurnia e Lúvia instruíam uma serva, a respeito da instalação do pequenino Marcus. Públio e Flaminio trocavam impressões, á distância, ouvindo-se a recomendação do segundo, que elucidava o amigo confidencialmente:

— Sabes que os súditos conquistados ao Império muitas vezes nos olham com inveja e despeito, tornando-se preciso nunca desmerecermos da nossa posição de patrícios.

Algumas regiões da Palestina, segundo os seus próprios conhecimentos, estão infestadas de malfetores e é necessário estejas precavido contra elles, principalmente na tua marcha em demanda de Jêrusalém. Leva contigo, tão logo aportes com a família, o maior número de escravos para a tua garantia e dos teus, e, na hipótese de um ataque, não hesites em castigar com severidade e aspereza.

Públio recebeu a exortação, atenciosamente, e, daí a minutos, movimentavam-se ambos no interior da nave, onde o viajante interpelava o chefe dos serviços:

— Então, Aulus, tudo está pronto?

— Sim, Ilustríssimo. Apenas aguardamos as vossas ordens para a partida. Quanto aos nossos trabalhos, podeis ficar tranquilo, porque escolhi a dêdo os melhores cartagineses para o serviço de remos.

Com efeito, começaram ali as últimas despedidas. As duas senhoras abraçavam-se com lágrimas enternecidas e afetuosas, enquanto se expressavam promessas de perene lembrança e votos aos deuses pela tranquillidade geral.

Derradeiros abraços comovidos e largava a galera suntuosa, onde a bandeira da aguia romana tremulava orgulhosa, ao sôpro suave das virações marinhas. Os ventos e os deuses eram favoráveis, porque, em breve, ao esforço hercúleo dos escravos no ritmo dos remos poderosos, os viajantes contemplavam de longe a fita esverdeada da costa italiana, como se avançassem da massa líquida para as vastidões insondáveis do Infinito.

Transcorria a viagem com o máximo de serenidade e de calma.

Públio Lentulus, não obstante a beleza da paisagem na travessia do Mediterrâneo e a novidade dos aspectos exteriores, considerada a monotonia dos seus afazeres na vida romana, junto dos numerosos processos do Estado, trazia o coração cheio de sombras.

Debalde a esposa procurou aproximar-se do seu espírito irritado, buscando tanger os assuntos delicados de família, com o fim de conhecer e suavisar os íntimos dissabores. Experimentava a impressão de que caminhava para emoções decisivas no desenrolar de sua existência. Conhecia uma parte da Ásia Menor, porque, na primeira mocidade havia servido, por um ano, na administração de Esmirna, de modo a integrar-se, da melhor maneira no mecanismo dos trabalhos do Estado, mas não conhecia Jerusalém, onde o esperavam como legado do Imperador, em face da solução de vários problemas administrativos de que fôra incumbido junto ao governo da Palestina.

Como encontraria o tio Sálvio, mais moço que seu pai? Ha muitos anos não o via pessoalmente; entretanto, êle era pouco mais velho do que êle próprio. E aquela Fúlvia, leviana e caprichosa, que desposára no torvelinho dos seus numerosos escândalos sociais, tornando-se quasi uma criatura indesejável no seio da passado, abstando-se, todavia, de comunicar á mulher as suas penosas expectativas. Refletindo, igualmente, na situação da esposa e dos dois filhinhos, encarava com ansiedade os primeiros obstáculos á sua permanência na Judéia, na qualidade de patrícios, mas também como estrangeiros, considerando que as amizades que os aguardavam eram incertas e problemáticas.

Entre as suas cismas e as preces da esposa, estava a terminar a travessia do Mediterrâneo, quando chamou a atenção do seu servo de confiança, nêstes termos:

— Coménio, dentro em pouco estaremos ás portas de Jerusalém; mas antes que isso se verifique, temos de realizar uma pequena marcha, depois do ponto de desembarque, reclamando-se muito cuidado de minha

parte, com relação ao transporte da família: Esperam-se alguns representantes da administração da Judéia, certamente acompanhados dos teus cuidados, pois vamos aportar a uma região para mim desconhecida e estrangeira. Reúne todos os servos sob as tuas ordens, de modo a garantirmos absoluta segurança pelo caminho.

— Senhor, contaí com o nosso desvelo e dedicação — respondeu o servidor, entre respeitoso e comovido.

No dia imediato, Públio Lentulus e comitiva desembarcavam num pequeno pôrto da Palestina, sem incidentes dignos de menção.

Esperavam-no, além do legado do Procônsul, alguns litores e numerosos soldados pretorianos, comandados por Sulpício Tarquinius, munido de todos os aprestos e elementos exigidos para uma viagem tranquila e confortável, pelas estradas de Jerusalém.

Após o necessário repouso, a caravana pôs-se a caminho, parecendo antes uma expedição militar que o transporte de uma simples família através das estações periódicas de descanso.

As armaduras dos cavalos, os capacetes romanos reluzindo ao sol, os trajes bizarros, palanquins enfeitados, animais de tração e os carros pesados da bagagem, davam idéia de uma expedição de triúmpo, embora atarefada e silenciosa.

Ia a caravana a bom termo, quando, nas proximidades de Jerusalém, ocorre um imprevisto. Um corpo sibilante cortou o ar fino e claro, alojando-se no palanquim do senador, ouvindo-se ao mesmo tempo um grito estridente e lamentoso. Minúscula pedra ferira levemente o rosto de Lívia, determinando grande alarme na massa enorme de servos e cavaleiros. Entre os carros e os animais que param assustados, numerosos escravos rodeiam os senhores, buscando, com precipitação, inteirar-se do acontecido. Sulpício Tarquinius num golpe de vista dá largas ao galope da montada, buscando prender um jovem que se afastava, receoso, das margens do caminho. E, culpado ou não, foi um rapaz dos

seus dezoito anos apresentado aos viajantes para a punição necessária.

Públio Lentulus recordou a recomendação de Flaminio, momentos antes da partida e, sopitando os seus melhores sentimentos de tolerância e generosidade, resolveu prestigiar a sua posição e autoridade aos olhos de quantos houvessem de lhe seguir a permanência naquele país estrangeiro.

Ordenou providências imediatas aos litores que o acompanhavam, e ali mesmo, ante as claridades morden-tes do sol a pino e sob o olhar espantado de algumas dezenas de escravos e centuriões numerosos, determinou que vergastassem sem comiseração o rapaz pela sua leviandade.

A cena era desagradável e dolorosa.

Todos os servos acompanhavam, compungidos, o estalar do chicote no dorso semi-nú daquele homem ainda moço, que gemia, em soluços dolorosos, sob o látigo despótico e cruel. Ninguém ousou contrariar as ordens impiedosas, até que Livia não conseguindo contemplar por mais tempo a rudeza do espetáculo, pediu ao espôso, em voz súplice:

— Basta, Públio, porque os direitos da nossa condição não traduzem deveres de impiedade...

O senador considerou, então, a sua severidade excessiva e rigorosa, ordenou a suspensão do castigo doloroso, mas, a uma pergunta de Sulpício, quanto ao novo destino do infeliz, falou em tom rude e irritado:

— Para as galéras!...

Os presentes estremeceram, porque as galéras significavam a morte ou a escravidão para sempre.

O desventurado amparava-se exâmine, nas mãos dos centuriões que o rodeavam, porém, ao ouvir as três palavras da sentença condenatória, deitou ao seu orgulhoso juiz um olhar de ódio supremo e de supremo desprezo. No âmago de sua alma coriscavam relâmpagos de vingança e de cólera, mas a caravana pôs-se novamente a caminho, entre o ruído dos carros pesados e o tilintar das armaduras, ao movimento dos cavalos fogosos e irriquetos.

A chegada a Jerusalém ocorreu sem outros fatos dignos de nota.

A novidade dos aspectos e a diversidade das criaturas é que impressionaram os viajantes no seu primeiro contacto com a cidade, cuja fisionomia, com raras mudanças, no decurso de todos os séculos, foi sempre a mesma, triste e desolada, preludiando as paisagens ressequidas do deserto.

Pílatos e sua mulher encontravam-se nas solenidades de recepção ao senador que ia, como legado de Tibério, junto da administração da província, encarnando o princípio da lei e da autoridade.

Sálvio Lentulus e a espôsa, Fúlvia Prócula, receberam os parentes com aparato e prodigalidade. Homenagens numerosas foram prestadas a Públio Lentulus e sua mulher, salientando-se que Lívía, fôsse em razão das advertências de Calpurnia ou em vista de sua acuidade psicológica, reconheceu logo que naquele ambiente não palpitavam os corações generosos e sinceros dos seus amigos de Roma, experimentando, no íntimo, dolorosa sensação de amargura e ansiedade. Verificára, com satisfação, que a sua pequena Flávia havia melhorado, não obstante a viagem exaustiva, mas, ao mesmo tempo, torturava-se percebendo que Fúlvia não possuía amplitude de coração para acolhê-los sempre com carinho e bondade. Notára que, em lhe apresentando a filhinha enfêrma, a patriciã vaidosa fizera um movimento instintivo de recuo, afastando sua pequena Aurélia, filha única do casal, do contacto com a família e apresentando pretextos inaceitáveis. Bastou um dia de permanência naquele lar estranho, para que a pobre senhora compreendesse a extensão das angústias que a esperavam ali, calculando os sacrifícios que a situação exigiria do seu coração sensível e carinhoso.

E não era somente o quadro familiar, nos seus detalhes impressionantes, que lhe torturava a mente trabalhada de expectativas pungentes e angustiosas. Deplorando-se-lhe Pôncio Pílatos, no próprio momento de sua chegada, sentira, no íntimo, que havia encontrado um rebelde e poderoso inimigo.

Fôrças ignoradas do mundo intuitivo falavam ao seu coração de mulher, como se vozes do plano invisível lhe preparassem o espírito para as provas aspérrimas dos dias porvindouros. Sim, porque a mulher, símbolo do santuário do lar e da família, na sua espiritualidade pode, muitas vezes, numa simples reflexão, devassar mistérios insondáveis dos caracteres e das almas, na teia espessa e sombria das reencarnações sucessivas e dolorosas.

Públio Lentulus, ao contrário, não experimentou as mesmas emoções da companheira. A diversidade do ambiente modificara-lhe um tanto as disposições íntimas, sentindo-se moralmente confortado em face da tarefa que lhe competia desempenhar no cenário novo de suas atividades de homem de Estado.

No segundo dia de permanência na cidade, tão logo regressára da primeira visita às instalações da Torre Antônio, onde se aquartelavam contingentes das fôrças romanas, observando os movimentos dos casuistas e dos doutores, no templo famoso de Jerusalém, foi procurado por um homem humilde e relativamente moço, que apresentava como credencial, tão somente, o coração aflito e carinhoso de pai.

Obedecendo mais aos imperativos de ordem política que ao sentimento de generosidade do coração, o senador quebrou as etiquetas do momento, recebendo-o no seu gabinete privado, disposto a ouvi-lo.

Um judeu, pouco mais velho que êle próprio, em atitude de respeitosa humildade e expressando-se difficilmente, de modo a fazer-se compreendido, falou-lhe nestes termos:

— Ilustrissimo senador, sou André, filho de Gioras, operário modesto e paupérrimo, não obstante numerosos membros de minha família terem atribuições importantes no Templo e no exercício da Lei. Ouso vir até vós reclamando o meu filho Saúl, prêso ha três dias, por vossa ordem e remetido diretamente para o cativo perpétuo das galéras... Pego-vos clemência e caridade na reparação dessa sentença de terríveis efeitos para a estabilidade da minha casa pobre... Saúl é o

meu primogênito e nêle deponho tôda a minha esperança paternal... Reconhecendo-lhe a inexperiência da vida, não venho inocentá-lo da culpa, mas apelar para a vossa clemência e magnanimidade, em face da sua ignorância de rapaz, jurando-vos, pela Lei, encaminhá-lo doravante pela estrada do dever austeramente cumprido...

Públio recordou a necessidade de fazer sentir a autoridade da sua posição, revidando com o orgulho característico das suas resoluções:

— Como ousa discutir as minhas determinações, quando guardo a consciência de haver praticado a justiça? Não posso modificar as minhas deliberações, estranhando que um judeu ponha em dúvida a ordem e a palavra de um senador do Império, formulando reclamações desta natureza.

— Mas, senhor, eu sou pai...

— Se o és, por que fizeste de teu filho um vagabundo e um inútil?

— Não posso compreender os motivos que levaram meu pobre Saúl a comprometer-se dessa maneira, mas juro-vos que êle é o braço-forte dos meus trabalhos de cada dia.

— Não me cabe examinar as razões do teu sentimento, porque a minha palavra está dada irrevogavelmente.

André de Gioras mirou Públio Lentulus de alto a baixo, ferido na sua emotividade de pai e no seu sentimento de homem, esfusiando de dôr e de cólera reprimida. Seus olhos húmidos traíam íntima angústia em face daquela recusa formal e inapelável, mas, desprezando todos os convencionalismos humanos, falou com orgulhosa firmeza:

— Senador, eu desci da minha dignidade para implorar a vossa compaixão, mas aceito a vossa recusa ignominiosa!...

Acabais de comprar, com a avareza do coração, um inimigo eterno e implacável!... Com os vossos poderes e prerrogativas, podeis eliminar-me para sempre, seja reduzindo-me ao cativo ou condenando-me a perecer

de morte infame; mas eu prefiro afrontar a vossa soberbia orgulhosa!... Plantastes, agora, uma árvore de espinhos cujo fruto, um dia, amargará sem remédio o vosso coração duro e insensível, porque a minha vingança pode tardar, mas como a vossa alma inflexível e fria, ela será também indefectível e tenebrosa!...

O judeu não esperou a resposta do seu interlocutor amargamente emocionado com a veemência daquelas palavras, saindo do recinto a passo firme e de rosto erguido, como se houvesse obtido os melhores resultados da sua curta e decisiva entrevista.

Num misto de orgulho e ansiedade, Públio Lentulus experimentou, naquele instante, as mais variadas gamas de sentimento a dominar-lhe o coração. Desejou determinar a prisão imediata daquele homem que lhe atirara em rosto as mais duras verdades, experimentando, simultaneamente, o desejo de chamá-lo a si, prometendo-lhe o regresso do filho querido, a quem protegeria com o seu prestígio de homem de Estado; mas a voz sumiu-se-lhe na garganta, naquele complexo de emoções que de novo lhe roubára a paz e a serenidade. Dolorosa opressão paralisou-lhe as cordas vocais, enquanto no coração angustiado repercutiam as palavras candentes e amarguradas.

Uma série de reflexões penosas enfileirou-se no seu mundo íntimo, assinalando os mais fortes conflitos de sentimentos. Também êle não era pai e não procurava reter os filhinhos perto do coração? Aquele homem possuía as mais fortes razões para considerá-lo um espírito injusto e perverso.

Recordou o sonho inexplicável que, relatado a Flaminio, fôra a causa indiréta da sua vinda para a Judéia e considerou as lágrimas de compunção que derramára, em contacto com o turbilhão de lembranças perniciosas da sua existência passada, em face de tantos crimes e desvios.

Retirou-se do gabinete com a solução mental da questão em foco, determinando que trouxessem o jovem Saúl á sua presença, com a urgência que o caso requeria, afim-de recambiá-lo á casa paterna e modificando, dessa

forma, as penosas impressões que havia causado ao pobre André. Suas ordens foram expedidas sem delongas e, todavia, esperava-o desagradável surpresa, com as informações dos funcionários a quem competia a realização de semelhantes serviços.

O jovem Saúl desaparecera do cárcere, fazendo crer numa fuga desesperada e imprevista. Os informes foram transmitidos á autoridade superior, sem que Públio Lentulus viesse a saber que os maus servidores do Estado negociavam, muitas vezes, os prisioneiros jovens com os ambiciosos mercadores de escravos, que operavam nos centros mais populosos da capital do mundo.

Informado de que o prisioneiro se evadira, o senador sentiu a consciência aliviada das acusações que lhe pesavam no íntimo. Afinal, pensou, tratava-se de um caso de somenos importância, porquanto o rapaz, distante do cárcere, procuraria imediatamente a casa paterna; e, consolidando a sua tranquilidade, expediu determinações aos dirigentes do serviço da ordem, recomendando se abstivessem de qualquer perseguição ao foragido, a quem se levaria, oportunamente, o indulto da lei.

O caminho de Saúl, todavia, fôra bem outro.

Em quasi todas as províncias romanas funcionavam célebres agrupamentos de malfetores, que, vivendo á sombra da máquina do Estado, haviam-se transformado em mercadores de consciências.

O moço judeu, na sua juventude promissora e sadia, fôra vítima dessas criaturas desalmadas. Vendido clandestinamente a poderosos escravocratas de Roma, em companhia de muitos outros, foi embarcado no antigo porto de Joppé, com destino á capital do Império.

Antecipando-nos na cronologia de nossas narrativas, vamos encontrá-lo, daí a meses, num grande tablado, perto do Fórum, onde se alinhavam, em penosa promiscuidade, homens, mulheres e crianças, quasi todos em míseras condições de nudez, tendo cada qual um pequeno cartaz pendurado ao pescoço. Olhos chispando sentimentos ultrizes, lá se encontrava Saúl, semi-nú, um barrete

de lã branca a cobrir-lhe a cabeça e com os pés descalços levemente untados de gesso.

Junto daquela massa de criaturas desventuradas, passeava um homem de ar ignóbil e repulsivo, que exclamava em voz gritante para a multidão de curiosos que o rodeava:

— Cidadãos, tende a bondade de apreciar... Como sabeis, não tenho pressa em dispôr da mercadoria, porque não devo a ninguém, mas aqui estou para servir aos ilustres romanos!...

E, detendo-se no exame dêsse ou daquele infeliz, prosseguia na sua arenga grosseira e insultuosa:

— Vêde êste mancebo!... E' um exemplar soberbo de saúde, frugalidade e docilidade. Obedece ao primeiro sinal. Atentai bem para o aprumo da sua carne firme. Doença alguma terá fôrça sôbre o seu organismo.

Examinai êste homem! Sabe falar o grego corretamente e é bem feito da cabeça aos pés!...

Nêsses pruridos de negociista, continuou a propaganda individual, em face da multidão de compradores que o assediava, até que tocou a vez do jóvem Saúl, que deixava transparecer, no aspêcto miserável, os seus ímpetos de cólera e sentimentos tigrinos:

— Atentai bem nêste mancebo! Acaba de chegar da Judéia, como o mais belo exemplar de sobriedade e saúde, de obediência e de fôrça. E' uma das mais ricas amostras dêste meu lote de hoje. Reparai na sua mocidade, ilustres romanos!... Dar-vô-lo-ei ao preço reduzido de cinco mil sestércios!...

O jóvem escravo contemplou o mercador com a alma esfervilhando ódio e alimentando, intimamente, as mais ferozes promessas de vingança. Seu semblante judeu impressionou a multidão dos que estacionavam na praça, naquela manhã, porque um intenso movimento de curiosidade lhe cercou a figura interessante e originalíssima.

Um homem destacou-se da multidão, procurando o mercador a quem se dirigiu, á meia voz, nêstes termos:

— Flaccus, meu senhor necessita de um rapaz elegante e forte para as bigas dos filhos. Esse jóvem me interessa. Não o darias ao preço de quatro mil sestércios?

— Vá lá; — murmurou o outro em tom de negócio — meu interesse é bem servir a ilustre clientela.

O comprador era Valerio Brutus, capataz dos serviços comuns da casa de Flaminio Severus, que o incumbira de adquirir um escravo novo e de boa aparência, destinado ao serviço das bigas dos filhos, nos grandes dias das festas romanas.

Foi assim que, imbuído de sentimentos ignóbeis e deploráveis, Saúl, o filho de André, foi introduzido, pelas forças do destino, junto de Plínio e de Agripa, na residência da família Severus, no coração de Roma, ao preço miserável de quatro mil sestércios.

III

EM CASA DE PILATOS

A secura da natureza, onde se ergue Jerusalém, proporciona á cidade célebre uma beleza melancólica, tocada de angustiosa monotonia.

Ao tempo do Cristo, o seu aspecto era quasi o actual, como hoje se observa. Apenas a colina de Mizpa com as suas tradições suaves e lindas, representava um recanto verde e alegre, onde descansavam os olhos do forasteiro, longe da aridez e da ingratidão das paisagens.

Todavia, devemos registar que, na época da permanência de Públio Lentulus e de sua família, Jerusalém acusava novidades e esplendores de uma vida nova. As construções herodianas pululavam nos seus arredores, revelando um novo senso estético, por parte de Israel. A predileção pelos monolitos talhados na rocha viva, característica do antigo povo israelita, fôra substituída pelas adaptações do gosto judeu ás normas gregas, renovando as paisagens interiores da cidade famosa. A jóia maravilhosa era, porém, o templo, tódo novo, da época de Jesus. Sua reconstrução fôra determinada por Herodes, no ano de 21, notando-se que os pórticos leva-